

*O problema são os outros*¹

*Madson Gonçalves da Silva*²

Resumo: O presente trabalho busca trazer à reflexão a questão do migrante nortista/nordestino como ser estereotipado na sociedade, como responsável pelas mazelas sociais, visto como ser inferior e indesejado. Pergunta por qual motivo são os migrantes apontados como os causadores dos problemas locais, considerando que tal construção se dá por meio de um racismo “velado”, que utiliza símbolos-características para construção de uma identidade a partir de contextos históricos, culturais e sociais. Questões culturais, lugar de origem e traços físicos são ressaltados como elementos que diferenciam os que são “daqui” com os que são de fora, produzindo uma dicotomia integrado/segregado.

Palavras-chave: identidade; alteridade; migrante; racismo.

Abstract: This paper seeks to bring one reflection about the “northeastern/northerner” migrant as being stereotyped in society and as responsible for social ills, seen as inferior and undesirable. Question for what reason are the migrants identified as the cause of local problems, considering that this framing is given by a “veiled” racism, that uses symbols-characteristics to construct an identity from historical, cultural and social contexts. Cultural issues, place of origin and physical traits are highlighted as elements that differentiate those who are “here” with those outside, producing an integrated/segregated dichotomy.

Key-words: identity; otherness; migrant; racism.

¹ Reflexão da pesquisa de mestrado intitulada “Crescimento urbano-industrial e a dinâmica migratória na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010): as particularidades espaço-sociais dos impactos sobre o município da Serra”, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Cristina Dadalto.

² Mestrando em História Social das Relações Políticas da UFES; Especialista em Educação em Direitos Humanos pela CESAP; Bacharel em Ciências Militares, ênfase em Defesa Social – APM/PMMG – UEMG; Graduando em Teologia/FUV. Pesquisador do Laboratório de Estudos dos Movimentos Migratórios e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. E-mail: madujazz@hotmail.com

Introdução

*Que brincadeira! nada de grelha.
O inferno... O inferno são os
outros!*

Jean-Paul Sartre

A Dinâmica Migratória tem ganhado espaço dentro das discussões das Ciências Humanas. Sua complexidade infere que seus estudos não se limitam a um campo único, ou à interpretações reducionistas de seus efeitos e causas. Tal processo se apresenta multifacetado, muitos elementos se tornam importantes e imprescindíveis de serem estudados. Dentre eles, o migrante, seus deslocamentos, os efeitos desses deslocamentos e suas possíveis causas podem, por assim dizer, ser estudadas a partir de questões objetivas; já a concepção de espaço, a perspectiva do migrante, do residente, os elementos constituidores de suas vontades, de suas reações, compõem, dentre outros, aspectos um subjetivos a serem considerados. Enfim, o campo se torna imenso e com muitas variáveis a serem estudadas, apresentadas e discutidas.

Abordando as questões ora mencionadas, o presente trabalho busca trazer a figura do migrante nordestino como ser estereotipado, causador de problemas, ou como o próprio problema. O recorte desse tema se dará no emprego de elementos que constituirão uma identidade a partir de características semelhantes e comportamentos aproximados dos residentes contrapondo a alteridade instituída ou imposta aos "divergentes" – os de fora. Será apresentada uma "enquete"³ veiculada e disponível na internet, bem como uma página de rede social e um pequeno relato pessoal divulgado em um blog; estes manifestam posicionamentos de aversão aos migrantes. Conceitos como raça e "racialismo", identidade e alteridade são importantes, nesse caso, para

³ Espécie de fórum público em que posicionamentos acerca de algum assunto são expostos sendo permitido aos que acessam reações ao comentário inicial.

expor a construção de uma identidade ao manifestar estereótipos e estabelecer diferenças. O objeto se concentrará nesse “ser migrante”, estereotipado, visto como causador dos problemas nos lugares aonde chega. Para problematizar o estudo traz-se a seguinte questão: por que motivo os migrantes são apontados como os agentes causadores de problemas e perturbadores da ordem para os locais aonde migram? E respondendo *prima facie* essa problemática, entende-se que a construção desses estereótipos serve como reforço e esteio para construção de uma identidade e também como identificação de problemas, admitindo uma primeira resposta ao apontar para os migrantes como sendo os causadores dos problemas. Michel Misse (2011), afirma ser uma “tese equivocada” atribuir a criminalidade – e no caso do presente estudo, outras mazelas sociais recorrentes – aos migrantes rurais tradicionais: os nordestinos e os nortistas. Porém, podemos apontar que essa subjetividade está arraigada no “imaginário social e difundida na subliteratura e em filmes e novelas” (Misse, 2011, p.39). Assim, para a perspectiva e entendimento que os que chegam depois são causadores de problemas. Estes, que residem há menos tempo são os baderneiros, preguiçosos, desarrumados, desordeiros, e, em como elemento de ápice dessa subjetividade, os criminosos. Ressalta-se que essa “tese” cai por terra, ao se constituir como argumento principal, a consideração do baixo índice de crimes violentos nos locais de origem desses migrantes.

Como objetivo, pretende-se verificar que esse estereótipo projetado sobre o migrante surge de uma necessidade social de elaboração de identidades a partir da diferença – que na maioria das vezes é negativa – apresentando elementos extraídos do contexto e herança histórica, cultural e social. Já como importante argumento a ser considerado, é proposto por Caldeira (2011), no qual apresenta em sua obra a segregação espacial como efeito da “fala do crime”.⁴ Ao estudar a

⁴ Segundo Caldeira (2011), a “fala do crime” abarca todos os tipos de “conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema” (p.27). A tal “fala” se retroalimenta; faz com muitos outros comentários persigam, **Sinais - Revista Eletrônica** – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ISSN: 1981-3988. Email: revistasinais@gmail.com

violência na cidade de São Paulo, a autora sustenta que não ocorreu apenas o aumento da quantidade de crimes violentos, mas também do medo do crime. Tais elementos, o crime e o seu medo, são reproduzidos em sua "fala". À medida que os eventos são contados e recontados marcas temporais são estabelecidas e a narrativa organizada. Dessa forma os elementos que compõe a narrativa são revestidos de significados, e muitos deles, devido ao crime (p.33). A autora expõe o caso de uma senhora filha de imigrantes, cujos pais migraram da Itália para o Brasil, no final do primeiro quarto de século. A narrativa da entrevistada por Caldeira (2011) apresenta muitos elementos que tornam evidente o antagonismo existente em relação ao migrante, e, para esse trabalho, cabe destaque a perspectiva que a entrevistada possui sobre eles. Ou seja, Essa forma de percebê-los, por vezes, representa, como nos casos das enquetes extraídas da internet, o "imaginário social" estabelecido dos residentes em relação aos migrantes.

A narradora menciona claramente que os problemas enfrentados por seu bairro⁵, como surgimento de favelas, aumento do crime, badernas e desordem são responsabilidade dos nordestinos. Sua fala divide-se em antes da chegada dos migrantes e depois. Dessa forma, torna-se evidente a associação entre a chegada dos migrantes ao bairro e os crimes que ali ocorrem. Daí pode-se concluir que "O que o crime faz para a biografia da narradora, a chegada dos nordestinos/criminosos faz para o bairro" (p. 33). Ressalta-se que há uma construção que gira em torno do "bom" e do "mau" migrante. Tal mito se traduz a partir do local de origem do migrante: se esse for "nordestino", é um mau migrante, nocivo para a localidade que o está recebendo. Ainda, a fala da moradora apresenta traços da memória Halbwachiana.⁶ Seu posicionamento não é isolado.

pontuando e continuando. As repetições não cansam, e seu efeito é o da perpetuação do medo e da insegurança ao mesmo tempo que o crime é combatido e indesejado. Dessa forma, o crime possui na "fala do crime" sua ampliação e o combate contra si mesmo.

⁵ Moradora do bairro Mooca, em São Paulo.

⁶ Memória coletiva. Pressupõe-se que "memórias são construções dos grupos sociais", representando seletivamente o passado, nunca de um indivíduo, mas coletiva, inserida

Sinais - Revista Eletrônica - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ISSN: 1981-3988. Email: revistasinais@gmail.com

Reproduz o que outros moradores em situação semelhante (filho de imigrantes, residentes há mais tempo, vítimas de violência) também expõem. No caso, o convívio social e harmonioso que ocorria foi suprimido pela chegada dos migrantes. Assim, a visão que os antigos moradores possuem dos recém-chegados é de que constitui uma "invasão", uma "infestação".

Sendo assim, duas considerações podem ser expostas na construção dessa memória, que embora tenha sido apresentada no caso, nos parece comum em diversos espaços. A primeira, diz respeito às mudanças – negativizadas – que são associadas à chegada dos nordestinos ao bairro. Tais são visto de maneira muito negativa. Eles são acusados de serem criminosos a partir da fala da entrevistada, que sofreu um ato de violência e atribui aos novos moradores migrantes a responsabilidade por tal evento. Ou seja, o momento que a entrevista passou, sofrendo violência, encontra uma correlação com a presença dos migrantes nordestinos, sendo estes os responsáveis pelas mazelas sociais (crime). A segunda consideração é do quanto a definição a respeito dos nordestinos são depreciativas: "ignorantes, preguiçosos, sujos, imorais. Numa palavra, eles são criminosos" (p.36). Esses termos apresentam reflexos da construção social do Brasil, herança da forma como os africanos e nativos eram descritos e, à sua época, estereotipados e indesejados, fomentando e servindo de base para construção de estamentos e categorias baseadas em definições subjetivas.

Logo, admite-se que nesse "imaginário social" comum são os migrantes aqueles (aquilo) que "empestearam" o lugar, criando-se uma identidade baseada em tudo aquilo que o outro negativamente representa. A categoria de reprovável, ruim, criminoso é investida neles: nós somos nós, o problema são os outros. O trecho abaixo foi extraído de rede social da internet e reflete bem esse "imaginário social":

"num contexto familiar, social, nacional".

Nordestinos são racistas (...) invadindo a terra alheia, despejando lixo e filhos na terra dos outros, impondo seu sotaque repugnante exportando sua cultura assassina. (...) é preconceituoso (...) roubos de água e luz, gritaria, uso de escolas e hospitais (...)

Fica claro que junto com o crescimento urbano e o desenvolvimento industrial, as mazelas sociais tendem a se evidenciar com mais frequência. Em uma análise precipitada, recai sobre os que chegaram depois a responsabilidade por tais mazelas. Mas, a figura de quem chega, ainda que este não seja nordestino, é vista como tal, pois são estes os que causam os problemas.

Outrossim, para fundamentar ainda mais a construção dessa correlação do migrante nordestino com os problemas sociais, a entrevistada no caso mencionado por Caldeira (2011), conta que fora assaltada por dois homens. Eram, segundo a entrevistada, dois nordestinos, embora um deles não apresentasse características externas, biótipo, que pudessem associá-lo ao nordeste. Mas, não importa, o elemento que fundamenta dentro dessa regra rígida de nordestino/criminoso é forte. Importa classificá-lo simbolicamente, dando sentido para violência sofrida. Ainda, este "ser" não é alguém que participa da história local, embora seja imprescindível para sua construção. "Ele é um homem sem história", conforme afirma Schütz (2010, p.122), estando excluído das experiências do passado do grupo residente; pode compartilhar o presente, até o futuro, mas "permanece excluído de tais experiências deste passado". Este "ser" é estranho, um "estrangeiro", um Outro "não proprietário do solo (Simmel, 2005, p.266), que chegou hoje, ou ontem, mas ainda permanece

[...] fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não

podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se (2005, p.265).

Entende-se que ele é um contrário, e sua interação com o grupo residente se dá em sua representação naquele que está mais perto do distante. Logo, há um racismo...

Raça, racialismo e racismo no Brasil

Faz-se importante uma exposição quanto a alguns conceitos a respeito de raça e racismo. Guimarães (2005) define raça como

[...] um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado (p.11).

Assim, o racismo se apresenta como uma forma de tornar natural a vida social. Busca “explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (p.11).

Como exemplo de representação e construção social do Brasil, vê-se o reducionismo classificatório em cores. O discurso do “embranquecimento” e a rejeição simbólica do negro. Assim, depreende-se a categorização no Brasil baseada em “cores”, dentro de uma perspectiva de caráter assimilacionista e universalista. “Se somos assimilacionistas ao nos identificar, temos forçosamente de discriminar o Outro racial pelas diferenças que não conseguimos assimilar” (p.12). Tais características nem sempre se correspondem a marcas físicas, mas também a elementos culturais.

Em um direcionamento mais aprofundado, Guimarães (2005), emprega o termo racialismo⁷, no qual se categoriza certos indivíduos a partir de certos traços característicos semelhantes. No entanto, tais traços ultrapassam características visíveis, nas quais geralmente pessoas são classificadas. O autor traz à reflexão que essa “essência racial” é definida pela cultura, que se modifica em suas regras no que se refere à pertença grupal – depende de “contexto, demográfico e social” (p.30). Embora se admita que todo racialismo dependa da ideia de “sangue como veículo transmissor dessa *essência*”, as regras pelas quais se transmitem podem variar. Ainda, Essa *essência* tem a associação de traços físicos que por fim se constituem em “valores morais, intelectuais e culturais”.

A necessidade de exteriorização da ideia de raça fez-se para sustentar uma “imagem da diferença absoluta e irreduzível entre culturas, grupos lingüísticos (...) tornou-se a figura suprema da diferença porque ela é necessariamente arbitrária em sua aplicação” (p.36). A classificação a partir de pesquisas científicas que tratavam das relações raciais foi importada do modelo norte-americano para o Brasil, no entanto, aqui,

[...] o modelo brasileiro mostrava uma refinada etiqueta de distanciamento social e uma diferenciação aguda de *status* e de possibilidades econômicas, convivendo com equidade jurídica e indiferenciação formal; um sistema muito complexo e ambíguo de diferenciação racial, baseado sobretudo em diferenças fenotípicas, e cristalizado num vocabulário cromático (p.41).

Ressalta-se que a partir da construção miscigenada da nacionalidade brasileira, como imaginada⁸, o conceito se transmutou de abstrato para algo objetivo, como “cor”. Assim era tratado, ao longo do século XX; a

⁷ Tal Definição foi proposta por Appiah e utilizada por Guimarães. APPIAH, Kwame A. *Im my Father's House: Africa in the Philosophy of culture*. Nova York: Oxford University Press, 1992.

⁸ Definição de Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

discriminação não era racial, pelo contrário, fora “definitivamente” eliminada, assim como todas as definições que estavam vinculadas à noção biológica, hereditária. Em seu lugar, paradoxalmente, surge um preconceito de cor⁹, que “não podia ser considerada uma noção racalista” (p.42). No entanto, o preconceito de cor vem como substituto de preconceito de raça. Um eufemismo. “É desse modo que a cor, no Brasil, funciona como uma imagem figurada de raça” (p.46). Destarte só pode haver cores e uma classificação baseada em cores se tal representar algo. “As pessoas têm cor apenas no interior de ideologias racistas” (p.47).

No Brasil, após e derrocada da estrutura escravagista, sendo substituída, conforme afirma Guimarães (2005), por outra ordem “hierárquica”, o ideal de sangue puro difundido pelos colonizadores, no período colonial, cedeu lugar à ideia de nação mestiça, vinculada à nascença e “não à ancestralidade”. Essa construção dicotômica de elite/povo e branco/negro se consolidou e se perpetuou pelos três séculos após a colonização, servindo de base para estratificação que se seguiu. A ideia de cor, embora afetada pela estrutura de classe¹⁰ fundou-se sobre uma noção “particular de raça” (p.50). No Brasil, o branco não era o “branco europeu. Dentre “brancos” brasileiros soma-se os “mestiços e mulatos claros” que assimilaram certa cultura: formação cristã e alfabetização. Dessa forma, nota-se que o preconceito não se limita mais à “cromatização”, mas, também, ao cultural.

Dentro desse processo racial, a questão do “embranquecimento” admitia a superioridade do sangue branco; pois este purificava e elevava o estágio civilizatório. Tal processo se alinhou perfeitamente com as “teorias científicas-racistas” ao longo do século XIX. O termo embranquecimento passou a significar “a capacidade da nação brasileira de integrar e absorver e integrar mestiços e pretos¹¹” (p.55). Foram italianos,

⁹ Uma gota de sangue negro o torna negro?

¹⁰ Conforme afirma Guimarães: “o dinheiro embranquece” (p.50).

¹¹ Esse embranquecimento era visto no Brasil como uma auto-afirmação de extensão da civilização européia. Integrar o mestiço e negro era negar sua ancestralidade, mais, a

Sinais - Revista Eletrônica – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ISSN: 1981-3988. Email: revistasinais@gmail.com

espanhóis, alemães, sírios, libaneses dentre outros que compuseram a “política de embranquecimento” da nação, nos séculos XIX e XX, no entanto, de forma diferente da construção do “caldeirão étnico colonial”¹², pois estes se misturaram, sobretudo, na classe média brasileira.

Nessa conjuntura, ao passo que os migrantes “estrangeiros” se misturavam à classe média e escalavam a “pirâmide social”, tratados de maneira condescendente, totalmente oposta ao tratamento de maneira subordinada e preconceituosa “com que os africanos foram assimilados” (p.57), a classe operária paulista¹³, também, absorvera seus migrantes, principalmente nordestinos negros e mestiços. Assim, mesmo que os brasileiros vissem os imigrantes europeus e seus descendentes como “estrangeiros”, e por estes fossem desdenhados, após a absorção dos “estrangeiros” pelas “elites” e pela classe média, foram eles quem redefiniram os outros. Sendo assim, a assimilação dessa identidade, embora nada uniforme se construiu a partir da estimatização do outro. Nesse caso, os migrantes nordestinos personificam e passam a representar o “diferente”;

Dito de outro modo, “baianos” e “nordestinos” passaram a ser, neste contexto, uma codificação neutra para os “pretos”, “mulatos” ou “pardos” das classes subalternas transformados, assim, nos alvos principais do “novo racismo” brasileiro (p.58)

eles que negassem sua ancestralidade tida como inferior. Nesse caldeamento étnico a intenção era aparentar uma predominância européia. Por fim, insta dizer, que a ideia era eliminar traços, características, comportamentos dos “mestiços e pretos”.

¹² Conforme Thales de Azevedo em *Les Élités de couler dans une ville brésilienne*. Paris: UNESCO, 1953.

¹³ Ressaltando o centro industrial da metade do século passado, sendo que tal processo ocorreu de maneira similar no Brasil. Admite-se, conforme afirma Oliven (2010), que tais migrantes não foram absorvidos totalmente pelo setor operário (setor secundário da economia), sendo “conduzidos” aos setores informais da economia. De forma análoga ocorreu tal processo no Espírito Santo entre 1960-1980: decréscimo da participação do setor primário na composição da economia e aumento dos setores secundários e terciários, conforme se observa em Fortunato (2011) e Silva (2013). Depreende-se o processo como integrado em todo país, onde comumente esse “migrante” indesejado (“mau migrante”) será segregado socialmente, espacialmente, economicamente e culturalmente.

Os outros são “o problema”

O conceito construído por Guimarães (2005) se apresenta como uma explicação, que sustenta o discurso da moradora entrevistada por Caldeira (2011), que embora tenha dito que um dos “ladrões” que a assaltou fosse branco e “nem tão baixo”, fosse nordestino. Os elementos que são impostos e admitidos nessa classificação excedem elementos visíveis. São subjetivos e subjetivados. Para Guimarães (2005), “o racismo é a redução do cultural ao biológico, a tentativa de fazer o primeiro depender do segundo” (p.32). Vê-se que a explicação dada aponta para um lugar; os criminosos não são daqui, são do nordeste.

Em uma das falas extraídas do objeto de estudo menciona que “não são brasileiros, são baianos”, reforçando mais o conceito de identidade e de que os que supostamente praticam atos como baderna, falar alto, falta de educação e até crimes, não são daqui; reajusta-se o cenário espacial e dessa maneira os nordestinos – no caso, os baianos – não fazem mais parte do Brasil. Em outra citação, extrai-se:

A questão dos Nordestinos e baianos é a seguinte, Não tenho preconceito sobre a cidadania deles, feição, Mais não gosto do jeito que eles falam, falando e gritando (...). Não aceito o preconceito das pessoas aqui sitadas, meu pai é pernambucano, e ele não fala gritando [sic].

Um termo aqui colocado em xeque é a “cidadania”, pressupondo, em certa medida, que tais pessoas não compartilham dela. Embora o pai do declarante seja pernambucano, ele “não fala gritando”, logo, ele não é como os outros.

Outro exemplo é a comparação da cultura regional nordestina com a cultura nipônica:

Algumas famílias, provenientes do nordeste brasileiro, tem esse traço cultural de falar alto (...) no Japão a cultura é diferente, muitos japoneses tem o tom da fala baixo [*sic*].

Tal discurso reforça a redução do cultural ao biológico, explicitado por Guimarães (2005).

Considera-se, ainda, que a construção da identidade é trabalhada na diferença estabelecida entre eles e os migrantes. A afirmação de quem está há mais tempo no lugar, ou tenha assimilado a “cultura regional” define quem não participa dessa identidade preponderante. Nesse aspecto vê-se o processo de construção da memória e de um discurso, como “bons tempos” antes da “infestação” dos nordestinos.

Mencionando Elias (2000), em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders*, observa-se elementos de segregação entre os moradores. Embora a maioria trabalhasse nos mesmos empregos e tivessem uma condição econômica, social e religiosa semelhantes, não eram vistos como participantes de uma mesma identidade. Aqueles que haviam chegado há mais tempo estabeleceram esse critério – o tempo de residência – para definir sua identidade, e usavam os comentários pejorativos como ferramenta para manutenção dessa alteridade. Com isso, é possível verificar, que não só a questão da assimilação da cultura local define a identidade, bem como a diferença sobressai no que se refere na definição daqueles que não “são”. Embora se verifique que nas enquetes os autores são também nordestinos, são eles mesmos que evidenciam os “comportamentos” inaceitáveis, definindo tais como cultura – e sub-cultura – segregando a partir desses.

Pode-se afirmar que há uma tônica na maneira de agir do outro, depreendendo dessa ação duas afirmações: da construção da identidade a partir da não ação, “nós não somos eles”; da segregação deles a partir da diferença, “eles não são como nós”. Tal estrutura se reforça no discurso

racial e se perpetua pelas ferramentas simbólicas constituídas (tipo de comportamento, feição, etc...). Admitindo-se que essas ações compõem um padrão cultural, caminhamos com Schütz (2010) ao argumentar que uma de suas funções é “eliminar indagações incômodas, oferecendo direções prontas para o uso”, tenciona-se substituir a verdade difícil – da intolerância – pela afirmação óbvia de um padrão, de permutar o incerto e o controverso pela auto-suficiência de uma auto-afirmação baseada no “Outro”.

Nessa perspectiva do outro, por meio dos estudos de Woodward (1997), nota-se que essa identidade do residente é posta e definida a partir da diferença (p.9). Há uma tendência de reforço a partir da alteridade, embora diversos componentes do grupo dos “estabelecidos” sejam integrados por nordestinos. A simbologia e representação ganham forma e respaldam a constituição dessa identidade. White (2009), afirma que a base da cultura é o símbolo. O homem é único, “não apenas mais um animal” (p.9), ele tem a capacidade de “simbologizar”¹⁴, e o fazendo atribui significados a elementos externos, dando-lhes sentido. A presença de migrantes ganha certa representação simbólica, que se traduz como hipótese apresentada, na atribuição a eles das mazelas sociais. A presença deles se opõe ao conceito de civilidade, de tranquilidade e de organização pré-estabelecidos.

Todorov (2010), também, faz uma importante contribuição acerca de estudos sobre identidade. O medo dos bárbaros aponta para um receio de tornar-se bárbaro. Logo, a auto-afirmação de ser civilizado é a mesma de não ser bárbaro. Bárbaro são os outros, os de fora, os migrantes; e no caso apresentado, os nordestinos. Eles cometem atrocidades, não são civilizados, são os criminosos. Hall (1996), citando Laclau¹⁵ (1990, p.33), menciona que a identidade social se constitui a partir do exercício de

¹⁴ Neologismo empregado por Leslie White em *O conceito de cultura*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

¹⁵ LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. Londres: Verso, 1990.

poder, “pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça”. Assim, a produção dessas identidades, relacionadas à uma ideia de cultura,¹⁶

[...] emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade em tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 1996, p.110).

Ao enunciar a autoafirmação daquilo que não se é, ou que se repugna, há uma construção identitária (Silva, 2000, p.74). A preocupação da afirmação dessa identidade em contraposição à alteridade não significa tanto dizer o que ou quem somos, mas, como afirma Hall (1996, p.109), “muito mais com as questões quem podemos nos tornar”; eis aí o “medo dos bárbaros”.

A guisa de conclusão

Questões como “quem podemos nos tornar”, ou “como somos vistos e representados”, e, principalmente, “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” assumem uma preocupação central no discurso da identidade. O migrante representa, portanto, aquilo que não se é e não se deseja ser. Esse “ser migrante” é indesejado e descartável.

A negação que se segue após o estranhamento inicial impossibilita ao diferente as características de “ser humano” que lhe são peculiares, torna-

¹⁶ “Pode ser definida como a totalidade de reações e atividades, físicas e mentais, que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social” (BOAS, 2010).

se o *Homo Sacer*. Eles são os bárbaros constituídos, a partir da inabilidade ou incapacidade dos residentes/estabelecidos na compreensão do Outro, do diferente.

Esse *Homo Sacer*¹⁷ de Agamben (2010), a partir de um exemplo clássico da Roma arcaica, traz à baila uma reflexão acerca desse migrante. Este ser “sacrossanto” negativizado tem sua inclusão através da sua exclusão. Outrossim, as identidades são construídas por meio da alteridade e não fora dela. Considera-se que é no reconhecimento do Outro, no relacionamento com aquilo que não se é, com o antagônico, com o externo, com o que projetamos como “negativo”, que o “positivo” pode ser ressaltado. Daí vê-se a necessidade do Outro na construção de uma identidade.

Dessa forma, a construção da identidade dos que se auto-afirmam, “estabelecidos”, se dá na alteridade, na presença do Outro, na necessidade desse Outro. São os “outros” (migrantes nordestinos), que com os seus comportamentos e com sua “cultura”, apresentam sinais que são tomados como símbolos de reforço identitário-cultural pelos “estabelecidos” em oposição a tudo aquilo que é “temido em se tornar”. Não mais os comportamentos são tomados como símbolos, mas os migrantes: totalmente indesejáveis e essencialmente necessários. Logo, não podem ser sacrificados – *homo sacer* –, mas são indispensáveis para representação identitária e significação dos problemas a eles atribuídos.

¹⁷ Primeiramente faz considerações sobre as raízes gregas da palavra vida: *zoé* e *bíos*. *Zoé* como a vida comum a todos os seres vivos, e *Bíos* como forma própria de se viver, uma idiosincrasia. A apresentação dos termos se referem a vida política e a vida de se viver. Retornando ao *Sacer*, o homem romano que cometeu um crime, tornando-se insacrificável aos deuses, porém matável por qualquer homem. Em Roma o *Homo sacer* era indesejado, responsável pelo desequilíbrio da *PaxDeorum*, em nosso contexto, o nordestino personifica o *Homo Sacer*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio (2010). *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG.

ANDERSON, Benedict (2008). *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

BOAS, Franz (2010). *A mente do ser primitivo*. Rio de Janeiro: Vozes.

CALDEIRA, Teresa P. (2011). *Do Rio. Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Editora 34.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FORTUNATO, Daniëlle de O. B. (2011). "Uma análise do Espírito Santo à luz do processo de implantação dos grandes projetos". In: DADALTO, Maria C.; RODRIGUES, Márcia B. F. (Orgs.). *Dimensões*, Vitória: UFES, vol.27, pp.40-62.

FREYRE, Gilberto (2006). *Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51.ed. São Paulo: Global.

GUIMARÃES, Antonio S. (2005). *Racismo e anti-Racismo no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora 34.

HALBWACHS, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

HALL, Stuart (2012). "Quem precisa de identidade?" In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. pp.103-133.

MISSE, Michel (2011). "Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil." In: _____. *Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, pp.29-52.

OLIVEN, Ruben George (2010). *Urbanização e mudança social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

RISÉRIO, Antônio (2012). *A cidade no Brasil*. São Paulo: Editora 34.

SCHÜTZ, Alfred (2010). "O estrangeiro: um ensaio em psicologia social". In: *Revista Espaço Acadêmico*, n.113, pp.117-129.

SIMMEL, G. (2005). *O estrangeiro*. In: RBSE, UFPB: Paraíba. vol.4, n.12.

SILVA, Madson G. da (2013). "Migração e desigualdade socioeconômica". In: CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Org.). *Memórias, traumas e rupturas*. Vitória: LHPL/UFES, pp.1-13.

SILVA, Tomaz Tadeu da (2012). "A produção social da identidade e da diferença." In:_____. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, pp.73-102.

TODOROV, Tzvetan (2010). *O medo dos bárbaros. Para além do choque das civilizações*. Rio de Janeiro: Vozes.

WHITE, Leslie A. (2009). *O conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto.

WOODWARD, Kathryn (2012). "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual." In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, pp.7-72.

Páginas pesquisadas

Eu odeio nordestino (página de rede social). Disponível em: <<http://pontoecontraponto.com.br/2010/07/12/3375> . Acesso em 20 Ago. 2014.

Não suporto ficar perto de nordestino e baiano, Não é preconceito, Leia, antes de comentar? (enquete). Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20111013141920AAjmkBE>> . Acesso em 20 Ago. 2014.

[VOMITANDO] Sobre baianos... (blog). Disponível em: <http://imagemnario.wordpress.com/2008/02/18/vomitando-sobre-baianos/> . Acesso em: 20 Ago. 2014.